

A identidade étnico-racial como fator de proteção ao desenvolvimento: uma revisão integrativa da literatura

Ethnic-racial identity as a protective factor for development: an integrative literature review

Sandra Duarte Antão¹, Ana Cláudia de Azevedo Peixoto²

Como citar esse artigo. Antão, SD. Peixoto, ACA. A identidade étnico-racial como fator de proteção ao desenvolvimento: uma revisão integrativa da literatura. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 16, n. 3, p. 380-391, set./dez. 2025.



Resumo

Este estudo trata dos resultados da realização de uma Revisão Integrativa da Literatura Nacional para compreender a problemática das intersecções entre raça e classe, compreendendo que o desenvolvimento de adolescentes negros no Brasil é atravessado por inúmeros impactos advindos do racismo, pois a violência racial é uma realidade no Brasil e seus efeitos podem ser considerados um fator de risco para o desenvolvimento infanto-juvenil. Os resultados apontaram que é imprescindível compreender o impacto que os estereótipos impostos pelo padrão eurocentrado imprimem na identidade do adolescente e são apontadas ainda algumas estratégias de enfretamento, tais como intervenções de letramento racial no âmbito escolar; resgate da potencialidade do povo negro; e fortalecimento da autoestima, tanto no âmbito individual, quanto coletivo, que podem ser fatores protetivos ao desenvolvimento.

Palavras-chave: identidade étnico-racial; adolescência; racismo; intervenção antirracista.

Abstract

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

This study presents the results of an Integrative Review of the National Literature aimed at understanding the intersections between race and class. It recognizes that the development of Black adolescents in Brazil is shaped by numerous impacts stemming from racism, as racial violence is a reality in the country and its effects can be considered a risk factor for child and adolescent development. The findings indicate that it is essential to understand the impact of the stereotypes imposed by the Eurocentric standard on adolescents' identities. The study also highlights some coping strategies, such as implementing racial literacy interventions in schools, reclaiming the potential of Black people, and strengthening self-esteem—both individually and collectively—as protective factors for development.

Keywords: ethnic-racial identity; adolescence; racism; antiracist intervention.

Afiliação dos autores:

¹Afiliação:1 Doutora em Psicologia/ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Seropédica-RJ, Brasil/2 Doutora em Psicologia / Docente na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Seropédica – RJ, Brasil.

E-mail de correspondência: psisandra.antao@gmail.com

Recebido em: 06/07/2025. Aceito em: 24/10/2025.

Introdução

É amplamente difundido na literatura nacional o pressuposto de que o desenvolvimento do ser humano está sujeito a condições que poderão resultar em ganhos ou prejuízos para os mesmos, ao longo de sua trajetória. Os ganhos podem se tornar fatores protetivos e as situações adversas em variáveis conhecidas como fatores de risco. Morais (2009) enfatiza a condução de estudos que indicam a mudança de compreensão acerca dos fatores de risco, mencionando o modelo que propõe uma visão processual e não linear, onde variáveis de risco interagem com fatores considerados protetivos. Sapienza e Pedromônico (2005) retratam ainda que o acúmulo de fatores que expõe a criança e o adolescente a riscos, é preditor de maior impacto negativo no desenvolvimento, principalmente na dimensão socioemocional.

Ao avaliar o processo de desenvolvimento de adolescentes negros no Brasil, é perceptível o impacto gerado pelo processo de embranquecimento que nega cotidianamente as raízes históricas, sociais e culturais do povo africano em diáspora. Sendo a identidade uma construção social e histórica, sabe-se que crianças negras, conforme apontam Doria, França e Lima (2021, p. 65) “geralmente, são socializadas em um contexto de profunda dominação cultural branca.

Inúmeras são as consequências observadas no desenvolvimento quando se aprende a negar a própria condição de ser humano, conforme afirma Nobles (2009, p. 288) “reforçar na psique das crianças a mensagem de que ser negro é ser por natureza uma versão inferior e desviante de pessoa humana equivale a abusar das crianças e negligenciá-las”. Essa violência cotidiana é percebida em diferentes âmbitos que perpassam desde a falta de oportunidades, acesso precário à Políticas Públicas, ao lazer, até a marca em seus corpos que os tornam alvos de violência policial que interrompe precocemente uma vida (Riberio, 2019; Gonzalez, 2020; Nunes *et al.*, 2023)

No processo de construção de sua identidade, o adolescente negro estará exposto cotidianamente a episódios que o direcionam para vivência de situações traumáticas, no entanto, não são nomeadas, pois está imerso em uma sociedade onde a diversidade étnico-racial sofre um apagamento (Bento, 2022). Kilomba (2020) ao tratar o trauma colonial, discorre sobre a violência gerada pela escravização, o colonialismo e o racismo, dada a imprevisibilidade de ocorrência dos episódios, e acrescenta:

O racismo no cotidiano não é um evento violento na biografia individual, como se acredita – algo que “poderia ter acontecido uma ou duas vezes” –, mas sim o acúmulo de eventos violentos que, ao mesmo tempo, revelam um padrão histórico de abuso racial que envolve não apenas os horrores da violência racista, mas também as memórias coletivas do trauma colonial (Kilomba, 2020, p. 215)

É salientado assim, que tanto no âmbito individual quanto de forma coletiva, a pessoa negra está exposta a maiores episódios que acarretam prejuízo e sofrimento. Dada a sua inserção em uma sociedade que a enxerga sob a lente da exclusão, desafiadora é a tarefa de se encontrar mecanismos que transponham a discriminação social e racial. Assim, o racismo se mostra como um fator de risco para o desenvolvimento. E no Brasil, esse fator se perpetua pelo silenciamento e negacionismo de sua ocorrência.

Um caminho pode ser indicado quando se relaciona o conceito de fatores de proteção. Estes fatores permitem fazer a “mediação entre a experiência do risco e os resultados desenvolvimentais” (Morais, 2009, p. 41). Dessa forma, um importante efeito quando estão presentes no contexto de desenvolvimento é possibilitar a utilização de mecanismos saudáveis de enfrentamento das situações adversas. Precisamos “projetar um processo, estimular e sustentar comportamentos, crenças, atitudes, habilidades e atividades culturalmente significativas e reproduzir o que há de melhor na africanidade (Nobles, 2009, p. 291)”.

Resgatar assim a potencialidade que o povo negro carrega, pode favorecer o fortalecimento da identidade e gerar impactos na autoestima (Matos; França, 2021). A autoestima apresenta-se como uma importante estrutura na adaptação desenvolvimental. Correlacionada positivamente à satisfação

de vida e ao ajustamento emocional, a autoestima pode se apresentar como um indicador de saúde mental, habilidades sociais e bem-estar. Sua compreensão abrange o valor dado a si a partir de uma avaliação positiva ou negativa, tendo como perspectiva a própria opinião da pessoa e aquela dada por outrem (Sapienza; Pedremônico, 2005). Na adolescência, conforme aponta Hutz (2014), a autoestima é uma relevante variável com impactos na socialização, interação grupal e na aprendizagem escolar, representando uma realidade para adolescentes de diferentes grupos étnicos e culturais.

Sendo a autoestima um dos construtos basilares para formação da identidade, é necessário elucidar os efeitos do racismo nesse processo. É imprescindível compreender o impacto que os estereótipos impostos pela desigualdade racial imprimem na construção dessa habilidade (Nunes *et al.*, 2023). Estudos sobre o processo identitário de crianças e adolescentes negros afirmam a importância de uma identidade étnico-racial positiva, conforme apontado por Huguley *et al.* (2019, p. 440) que salienta que “uma forte identidade étnico-racial prediz positivamente vários resultados de desenvolvimento pró-social, incluindo sentimentos de bem-estar e autoestima e motivação acadêmica e realização”.

Além disso, intervenções pautadas no desenvolvimento da diversidade étnico-racial, beneficia tanto o adolescente negro que passa a ter uma conexão mais positiva consigo mesmo e com seu grupo de pertença, bem como o adolescente branco que aprende a reconhecer e combater práticas discriminatória (Matos; França, 2021).

Delinear caminhos que indiquem fatores que possam amortecer o impacto de situações adversas no decurso da vida perpassa pelo conhecimento das habilidades que já se fazem presentes, bem como possibilita o acesso a ferramentas que fortaleçam e promovam maior consciência de si, das relações interpessoais que se estabelece, dos aspectos sociais e políticos que engendram o desenvolvimento humano (Morais, 2009; Bronfenbrenner, 1994).

Dada a relevância para o desenvolvimento de adolescentes negros no Brasil, é urgente a construção de perspectivas que dialoguem com a complexidade de fatores que integram os efeitos do racismo (Nunes *et al.*, 2023). E principalmente que se comprometam ética e politicamente com a produção de conhecimento científico que garantam o direito à vida pois “simplesmente não conhecer, não admitir ou negar ser africano limita a capacidade de curar a nós mesmos e compreender nossa conexão humana, assim como limita nossa capacidade de realmente cuidar uns dos outros e curar uns aos outros” (Nobles, 2009, p. 291). Este artigo pretende favorecer esse caminho.

Metodologia

Para compreender como a produção de conhecimento científico no Brasil sobre o processo de formação da identidade étnico-racial de adolescentes, foi elaborada uma Revisão Integrativa da Literatura. A escolha desse método se justifica por ser um instrumento da Prática Baseada em Evidências que permite realizar uma síntese dos estudos significativos de uma determinada área pesquisada, identificando informações atualizadas. Foram realizados os seguintes passos: 1^º elaboração da pergunta norteadora; 2^º busca ou amostragem na literatura, 3^º coleta de dados, 4^º análise crítica dos estudos incluídos, 5^º discussão dos resultados e 6^º apresentação da Revisão Integrativa (Souza; Silva e Carvalho, 2010).

Para direcionar os estudos, as seguintes perguntas nortearam a elaboração da revisão integrativa: como a construção da identidade étnico-racial de adolescentes é investigada na literatura nacional? Quais estratégias podem colaborar para o desenvolvimento da identidade étnico-racial de adolescentes? A diversidade étnico-racial tem sido avaliada como fator protetivo ao desenvolvimento? Ao elaborar essas perguntas, foi realizada a busca dos estudos nas seguintes bases de dados: LILACS /BVS, SCIELO e PEPSIC. Foram combinadas as palavras-chaves com os operadores booleanos: (identidade racial) AND (adolescência); (identidade racial) AND (racismo); (identidade racial) AND (intervenção). Cabe ressaltar que a mesma ordem foi aplicada em todos os portais.

Os critérios de inclusão adotados neste estudo foram os seguintes: estudos desenvolvidos no Brasil e

que tenham sido publicados nos últimos dez anos; pesquisas realizadas com adolescentes ou que retratam experiências de adultos vividas nessa fase do desenvolvimento.

A justificativa encontrada para selecionar apenas estudos nacionais é para se obter uma análise mais fidedigna do cenário brasileiro, para que a realidade aqui vivenciada seja evidenciada e para que autores nacionais obtenham visibilidade de sua produção acadêmica. Foram excluídos artigos que não estão relacionados à temática do projeto. Posteriormente, realizou-se a análise dos títulos e resumos dos artigos e foram selecionados aqueles que estavam disponíveis na íntegra. Essa revisão foi realizada no período de dezembro/2022 a janeiro /2023.

Resultados

Os artigos que cumpriram os critérios mencionados foram analisados e descritos nesta pesquisa. Foram encontrados 1.055 artigos, sendo 1.022 na plataforma BVS/LILACS, 30 artigos na plataforma SCIELO e 3 artigos na SCIELO. Foram excluídos 241 artigos por não terem sido publicados no período de dez anos, 731 por serem estudos realizados em outro idioma e 14 artigos por estarem duplicados. Dessa forma, 69 estudos foram selecionados para leitura do resumo. Foram então capturados 9 artigos para leitura na íntegra que foram utilizados para análise e categorização.

A análise dos artigos permitiu observar que, em sua maioria, são publicações dos últimos cinco anos, tendo a abordagem qualitativa como metodologia de pesquisa. Optou-se por incluir estudos realizados com crianças e adultos pois retratam o processo de formação da identidade étnico-racial sob diferentes perspectivas e que irão possibilitar um olhar sobre os impactos para a adolescência. E ainda em função da escassez de estudos contemplando especificamente essa fase do desenvolvimento. Os estudos apresentam predominantemente como objetivo diálogos sobre as consequências da discriminação racial, o impacto da falta de representatividade principalmente no contexto escolar e caminhos para o empoderamento e fortalecimento da identidade por meio da valorização da cultura negra (Máximo *et al.*, 2012; Gesser e Costa, 2018; Oliveira *et al.*, 2019 ; Batista *et al.*, 2019; Chaves, 2021; Amorim, Aléssio e Danfá, 2021; Araújo, Moura e Dantas, 2021).

Foram incluídos ainda dois estudos considerados relevantes para essa pesquisa, sendo um que retrata o processo de Implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (Batista; Barros, 2017); e outro, que oferece um panorama de como as relações étnico-raciais têm sido investigadas pela psicologia através de uma Revisão Sistemática da Literatura (Martins; Santos e Colosso, 2013). Ambos os estudos possibilitaram ampliação das discussões e articulação com dados encontrados. Os artigos selecionados podem ser encontrados no Quadro 1.

Quadro 1. Estudos selecionados para Revisão Integrativa da Literatura

N	Autor	Título e ano de publicação	Revista	Palavra-chave	Local do estudo	Objetivos	Metodologia	Participantes	Instrumentos
1	AMORIM, Cláudia Lanyelle Revorêdo de; ALÉSSIO, Renata Lira dos Santos; DANFÁ, Lassana.	Mulheres negras e construção de sentidos de identidade na transição capilar. Ano:2021	Psicologia e Sociedade	Mulheres negras; Identidade; Transição capilar; Racismo	Recife/PE	Investigar a construção dos sentidos de identidade em mulheres negras que passaram pela transição capilar.	Qualitativa/ Análise da narrativa	12 mulheres negras com idades compreendidas entre 18 e 34 anos.	Entrevistas semiestruturadas
2	ARAUJO, Danielle Cabral; MOURA, Vanessa Alice de; DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral	O resgate da memória histórica como estratégia de desconstrução do racismo Ano:2021	Pesquisas e Práticas Psicossociais	Racismo. Conscientização. Memória histórica.	Centro para Crianças e Adolescentes (CCA), localizado em Heliópolis/SP	Propiciar o resgate da memória histórica da cultura negra por meio da contação de histórias, visando combater o racismo.	Investigação-ação-participativa /observação ativa e inserção participante	Aproximadamente 30 crianças com idade entre 5 e 7 anos	Contação de histórias, com a utilização de objetos, vídeos, músicas e instrumentos, seguida de atividades gráficas nas quais eram feitas problematizações e Diário de Campo
3	CHAVES, Elisângela	Negritude, Identidade e Dança Ano:2021	Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer	Dança, Educação social, Afrodispórico	Nacional	Explicitar a potencialidade que o ensino de danças de matriz afrodispórica têm ao serem abordadas em projetos educacionais socioculturais para empoderamento, valorização e identidade cultural junto a comunidades periféricas.	Revisão Bibliográfica	Crianças e Adolescentes de comunidades periféricas e em situação de vulnerabilidade social participantes de projetos socioculturais.	Não foram descritos uso de instrumentos
4	OLIVEIRA, Aryanne Pereira et al.	Identidades em transição: Narrativas de mulheres negras sobre cabelos, técnicas de embranquecimento e racismo Ano:2019	Estudos e Pesquisas em Psicologia	Mulheres negras, práticas de cuidado, cabelos, racismo, psicologia social.	Blogs e portais de notícias, disponíveis na Internet no ano de 2015	Analisa6ar as narrativas de mulheres negras sobre seus cabelos e suas reflexões sobre autocuidado, suas experiências nesse processo e sobre como estas (trans) formaram suas identidades.	Abordagem qualitativa através da Análise do Discurso	Mulheres de 11 a 44 anos	Não foram descritos uso de instrumentos

N	Autor	Título e ano de publicação	Revista	Palavra-chave	Local do estudo	Objetivos	Metodologia	Participantes	Instrumentos
5	BATISTA, Matheus do Nascimento <i>et al.</i>	O autoconceito cognitivo de estudantes pretos (as) e pardos (as) Ano: 2019	Psicologia Argumento	Identidade. Autoconceito Cognitivo. População Negra. Ameaça do Estereótipo	Escolas públicas de Curitiba (PR)	Examinar a associação entre a autoclassificação étnico-racial e autoconceito cognitivo de estudantes da educação básica.	Delineamento correlacional e corte transversal. Participantes selecionados por conveniência.	706 estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio Idade: 9 e 21 anos	1) Questionário sociodemográfico 2) Escala de Competência Percebida para Crianças (ECPC)
6	BATISTA, Luis Eduardo; BARROS, Sônia.	Enfrentando o racismo nos serviços de saúde Ano:2017	Cadernos de saúde pública	Política Pública, racismo, serviços de saúde	Nacional	Avaliação do Processo de Implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: Indicadores de Monitoramento e Avaliação.	Qualitativa	Gestores e lideranças de movimentos pessoal, características do local de respostas, vivências e problemáticas identificadas na implementação da Política e que indicadores estavam sendo utilizados em seu monitoramento.	Questionário composto de 52 perguntas, contendo identificação pessoal, características do local de respostas, vivências e problemáticas identificadas na implementação da Política e que indicadores estavam sendo utilizados em seu monitoramento.
7	GESSER, Roselita; COSTA, Cleber Lázaro Julião.	Menina Mulher Negra: Construção de identidade e o conflito diante de uma sociedade que não a representa Ano:2018	Revista Brasileira de Psicodrama	Menina, adolescência, racismo, identidade étnico-racial, psicodrama	Recurso disponível online	Discutir a falta de representatividade positiva para as meninas mulheres negras e a construção de sua identidade étnico-racial no contexto escolar	Qualitativa/ Análise do Discurso	A protagonista do filme é uma adolescente preta de 17 anos	Curta metragem “Jeniffer”
8	MARTINS, Edna; SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; COLOSSO, Marina.	Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs Ano: 2013	Psicologia: Teoria e Prática	Relações raciais; pesquisa bibliográfica; preconceito; racismo; discriminação.	Estudo Teórico	Oferecer um panorama de como as relações étnico- -raciais têm sido investigadas pela psicologia.	Revisão Sistemática da Literatura	Trabalhos publicados em periódicos nacionais de psicologia e psicanálise sobre relações étnico-raciais	Seleção de 41 artigos para elaboração do estudo

N	Autor	Título e ano de publicação	Revista	Palavra-chave	Local do estudo	Objetivos	Metodologia	Participantes	Instrumentos
9	MAXIMO, Thaís Augusta Cunha de Oliveira et al	Processos de identidade social e exclusão racial na infância Ano:2012	Psicol. rev. (Belo Horizonte)	Identidade. Exclusão racial. Branqueamento	Escola Municipal na cidade de João Pessoa (PA)	Problematizar sobre as possíveis consequências da discriminação racial na construção da identidade em crianças e adolescentes.	Abordagem qualitativa: e quantitativa: estatística descrita e correlacional	161 crianças, com idades entre 9 a 12	1)Entrevista semiestruturada para auto categorização racial, preferência racial e avaliação de figuras humanas de diferentes etnias e gênero.

Fonte Elaborado pela autora do estudo (2024)

A avaliação dos artigos selecionados e discussões foram organizadas em duas categorias de análise, a saber (1) Os efeitos de uma cultura da exclusão e do embranquecimento e (2) Afirmação da negritude como estratégia de enfrentamento ao racismo. Essas categorias foram propostas a partir da análise dos principais objetivos e resultados alcançados nos estudos que integram a revisão.

Discussão

Os efeitos de uma cultura da exclusão e do embranquecimento

A produção de conhecimento no campo da identidade étnico-racial no Brasil indica a necessidade de um aprofundamento das discussões no que concerne às práticas de enfrentamento ao racismo. Arquitetada em uma sociedade onde raça delimita as relações de poder, França e Silva (2021, p. 99) explicitam que “são raros os estudos que analisem a transmissão de mensagens sobre o significado de ser negro numa sociedade caracterizada por profundas diferenças de status entre os grupos étnico-raciais”. Em um estudo de Revisão Sistemática da Literatura, Martins, Santos e Colosso (2013) buscou oferecer um panorama de como as relações étnico-raciais têm sido investigadas pela psicologia. Com base nos 41 artigos encontrados no período de 2000 a 2009, foi possível observar que predominam a temática da violência psicológica do preconceito e do racismo, o legado social do branqueamento e seus efeitos psicossociais sobre a identidade étnico-racial de negros e brancos. De maneira mais lenta, aparecem as discussões sobre o monitoramento dos efeitos das políticas e dos programas de promoção da igualdade étnico-raciais.

Amorim, Aléssio e Danfá (2021) ao retratar a construção dos sentidos de identidade em mulheres negras que passaram pela transição capilar, explicitam que o racismo presente na sociedade dita maneiras de existir e aniquila qualquer característica que esteja fora dos padrões estabelecidos. Como forma de sobrevivência, a negação de si mostra-se como um caminho para o negro através da adoção de uma ideologia do branqueamento. Dessa maneira, “o racismo atua na exaltação de diferenças positivas para os brancos e realce de diferenças negativas para negros” (Amorim; Aléssio e Danfá, 2021, p. 2). Como consequência, mulheres negras foram e são expostas, muitas vezes, desde a infância a procedimentos químicos para alisar o cabelo, em uma tentativa de aproximação ao conceito de desejabilidade social. Nessa pesquisa, foram entrevistadas 12 mulheres com idade entre 18 e 34 anos no ano de 2017 que passaram pelo processo de transição capilar. Os relatos foram estruturados por períodos, a saber: período anterior, durante e posterior a transição capilar. Fica explícita a importância desse processo na construção da identidade dessas mulheres, pois um relato inicial ligado a qualificadores de desconforto tais como sofrimento, angústia e mal-estar, vai dando espaço para narrativas de conforto e segurança. Os autores reforçam que não se trata apenas de um processo estético, mas sim de uma mudança de si e de posicionamento, o que pode ser observado na fala de uma participante que disse: “É uma relação de...um sentimento de, digamos assim, identidade, né? É você se reconhecer no seu cabelo e, consequentemente, na valorização da estética negra”.

Resultado semelhante foi encontrado na pesquisa De Oliveira *et al.* (2019) que analisou relatos de mulheres negras sobre seus cabelos, publicados em blogs e portais de notícias. Os dados apresentados mostram que a maioria das participantes indicaram que o processo de embranquecimento começou ainda na infância e que a falta de representatividade, principalmente na escola, afetava negativamente a construção da identidade. Em um dos relatos, a participante desabafa: “E por que eu fiz tudo isso [com o cabelo]? Bom, na TV só havia mulheres de cabelo liso fazendo comercial de xampu (Oliveira *et al.*, 2019, p. 453). Por outro lado, o estudo salientou a importância das redes sociais como forma de promover conexão entre mulheres que estão vivenciando o processo da transição capilar, contribuindo para formação de grupos que se identificam em narrativas com referenciais positivos sobre a identidade negra. Assim, afirmam que “o acesso à informação acerca da história e a importante representatividade positiva de imagens diversas de negritude podem modificar a maneira como mulheres negras vivem as experiências a partir de seus cabelos.” (Oliveira *et al.*, 2019, p.459).

Essa falta de identificação positiva com o povo negro apresentada na sociedade, possui uma trajetória longa, iniciada ainda nos anos escolares. No estudo apresentado por Batista *et al.* (2019) o objetivo apresentado era de conhecer o autoconceito cognitivo de 706 estudantes do Ensino Fundamental e Médio na cidade de Curitiba com idade entre 9 e 21 anos. Destaca-se aqui o resultado encontrado que indicou que aqueles que se autodeclararam pretos ou pardos apresentaram autoconceito cognitivo significativamente inferior ao de seus pares. Os autores discutem que os estereótipos negativos reproduzidos no ambiente escolar contribuem muito para a construção e manutenção dessa crença, onde podem ser observados estigmas que dizem “Estudantes negros jogam bem futebol, mas não são bons em matemática”. Dessa forma reforçam a existência de um estereótipo que “opera potencializando as conexões entre a inabilidade e a identificação étnico-racial”. (Batista *et al.*, 2019, p. 303).

Nessa mesma direção, Gesser e Costa (2018) retratam que no espaço escolar a criança desde muito cedo é socializada com personagens, histórias e figuras que não a representam. E completam que “neste espaço, por intermédio das práticas e dos próprios livros, a criança afrodescendente é submetida à influência de figuras estranhas à sua identidade” (Gesser e Costa, 2018, p. 24). Corroborando esses dados, Araújo, Moura e Dantas (2021, p. 3) realizaram um trabalho com crianças que consistiu em propiciar o resgate da memória histórica da cultura negra por meio da contação de histórias, visando combater o racismo. Os autores narram que “a criança negra, muitas vezes, só entra em contato com a história do seu povo sob a óptica da escravidão e de toda sorte de exploração e humilhação, representadas em novelas, filmes, livros escolares e sistemas de comunicação”.

Realidade semelhante foi apresentada no estudo de Máximo *et al.* (2012) que investigou as possíveis consequências da discriminação racial na construção da identidade em crianças e adolescentes. Realizando entrevistas semiestruturadas com 161 crianças entre 9 e 12 anos, os autores apresentaram material de estímulo com figuras de pessoas de diferentes raças para observar autocategorização e preferências sociais. Pode-se observar que características como beleza e comunicabilidade eram atribuídas às pessoas brancas e características indesejáveis como desonestade às pessoas negras. Em uma das atividades os autores relataram que “na situação em que era pedido que as crianças apontassem um culpado para o desaparecimento de um estojo na sala de aula (nível moral), ficou evidente que as figuras menos apontadas foram figuras brancas e que as mais indicadas foram as negras.

Observa-se dessa maneira que vivenciar o processo de rompimento com a internalização de uma cultura eurocentrada é uma tarefa árdua, que exige tomada de consciência e resistência para assumir a negritude. Esse processo citado por Kilomba (2020) como descolonização, visa o desenvolvimento de uma identificação positiva do povo negro com sua história, podendo gerar maior autonomia e segurança. A busca por esse caminho poderia levar a uma diminuição, ainda que gradual, das manifestações diárias de exclusão as quais o povo negro é submetido.

Afirmiação da negritude como estratégia de enfrentamento ao racismo

A construção da identidade étnico-racial possui estreita conexão com o autoconceito, autoestima e por consequência com a competência social, mostrando-se como um elemento fundamental para o desenvolvimento humano. A literatura aponta, segundo Do Nascimento Batista *et al.* (2019, p. 302) que “o desenvolvimento de uma identidade étnico-racial positiva pode ser um fator de proteção importante para o desenvolvimento de crianças e adolescentes”.

Conhecer elementos que impulsionam o desenvolvimento humano pode ser uma importante estratégia de prevenção no campo da saúde com importantes desdobramentos para as Políticas Públicas. Torna-se ainda imprescindível compreender as especificidades que acompanham as diferentes necessidades vivenciadas por grupos historicamente negligenciados, como é o caso do povo negro. Ao discutir o enfrentamento do racismo nos serviços de saúde, Batista e Barros (2017) discorrem sobre a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) aprovada em 10 de novembro de 2006 pelo Conselho Nacional de Saúde.

Os autores apontam para a importância de se discutir a implementação dessa lei nos serviços de saúde em 2014. Com o objetivo de investigar o progresso de efetivação dessa política, realizaram uma pesquisa a nível nacional para identificar os municípios onde estava sendo aplicada. Os resultados mostraram que dentre os 5.561 municípios, somente 32 responderam/relataram ter essa política implantada.

O texto aborda ainda o desconhecimento por parte das equipes de saúde sobre os efeitos do racismo na vida de pessoas negras, e alertam que é “necessária a organização de gestores, trabalhadores e sociedade civil para garantir direito sociais, atentando para as iniquidades raciais nas condições de vida da população e seu impacto no perfil de saúde” (Batista; Barros, 2017, p. 4).

Essa organização da sociedade pode acontecer de diferentes formas, tendo por exemplo, o ambiente escolar como importante aliado no desenvolvimento de práticas antirracistas. Foi o que mostrou a pesquisa de Araújo, Moura e Dantas (2021) que ao desenvolver um trabalho com crianças de 5 a 7 anos sobre o resgate da cultura negra. As autoras relataram que após 12 encontros envolvendo as crianças com histórias positivas sobre o povo negro, foi possível observar uma mudança de comportamento frente a identificação étnico-racial pois “houve várias expressões de afirmação da identidade negra coletiva em decorrência das narrativas e memórias históricas; agora negro é identidade” (Araújo; Moura; Dantas, 2021, p. 11). Esse impacto gerado pela intervenção realizada na pesquisa, corrobora o que Munanga (2020, p. 51) narra: “o estudo da história permite ao negro recaptar a sua nacionalidade e tirar dela o benefício moral necessário para reconquistar seu lugar no mundo moderno”.

O desenvolvimento de práticas que conectem o povo negro à sua ancestralidade, é uma forma de promover saúde mental. Isso porque tornar conhecida a força e a resistência que provém de um povo, contribui para uma autopercepção positiva e consequentemente, mudanças são observadas na autoestima e no convívio social. Kilomba (2020, p. 237) alerta que “essa série de identificações previne o sujeito negro da identificação alienante com a branquitude”. Na pesquisa conduzida por Chaves (2021) foi apresentada a importância do ensino de danças de matriz afrodiáspórica em projetos educacionais socioculturais junto a comunidades periféricas. A autora indica o potencial existente nessas práticas consideradas emancipatórias, agindo como mecanismo de empoderamento, valorização e identidade cultural. Alerta ainda que existe uma carência de estudos que apontem a importância desse ensino, limitando a percepção da sociedade sobre a necessidade de ampliação e diversificação de espaços que estimulem tais atividades que podem agir como fonte de “resistência, sobrevivência e transformação na luta antirracista” (Chaves, 2021, p. 742).

Os estudos aqui apresentados mostram-se como importantes subsídios para discussões sobre os impactos do racismo na construção da identidade étnico-racial. As questões que nortearam essa revisão puderam ser respondidas indicando que a construção da identidade étnico-racial na literatura nacional possui uma investigação pautada nos impactos do racismo e nos efeitos sociais de uma cultura eurocentrada. Foi possível observar a necessidade de ampliação de estudos que visem o desenvolvimento de estratégias que apresentem a importância da conexão com a cultura afro, bem como uma história positiva do povo negro, principalmente no âmbito escolar. Possibilidades práticas para compor uma intervenção antirracista e pautada na diversidade.

Conclusão

Elaborar uma reflexão contra hegemônica no que concerne o desenvolvimento de adolescentes negros no Brasil, denunciando os impactos do racismo nesse processo têm se mostrado como um ato político. Incitar discussões que busquem romper com o discurso colonial que ainda mata jovens negros nesse país exige uma postura estratégica para sustentar os conflitos advindos desse processo.

Historicamente, o racismo vem adoecendo e modificando a identidade de pessoas negras. A tecnologia utilizada para que, mesmo após anos de escravização, pessoas brancas continuem assumindo seu lugar de privilégio em detrimento ao sofrimento psíquico de pessoas negras, é cruel e patológico. Sendo, portanto, um fator de risco para o desenvolvimento.

A busca por estratégias de enfrentamento para oferecer recursos protetivos ao desenvolvimento mostra-se como um bom prognóstico, ainda que na literatura atual sejam escassos estudos direcionados para adolescência.

Na revisão literária realizada nesse estudo, foi possível corroborar estudos que afirmam os efeitos de uma cultura da exclusão e do embranquecimento causados pelo racismo. Os artigos apresentaram, em sua maioria, os efeitos da negação da africanidade em mulheres, que se veem desde muito cedo adotando estratégias de aproximação com a identidade da mulher branca. Mas, também é possível identificar que o resgate da autoestima se dá pelo processo de retomada de sua história, beleza e potência.

A afirmação da negritude como estratégia de enfrentamento ao racismo pode ser uma trilha para que a quebra da relação de subalternidade seja compreendida e jovens negros assumam o seu lugar na sociedade. E mais que isso: essa afirmação é um protesto de direito à vida e a dignidade humana,

Algumas questões práticas foram elucidadas através de atividades já correntes, principalmente no âmbito escolar com crianças, que através da mudança de narrativa sobre a história contada nos espaços acadêmicos acerca do povo negro, têm gerado impactos positivos na identidade.

Lacunas serão aqui apresentadas para que estudos futuros possam apresentar perspectivas de intervenção. A primeira delas é que grande parte dos estudos resultaram no processo de construção da identidade de mulheres negras, tornando necessário o aprofundamento acerca das questões de gênero envolvidas nesse processo. Indica-se que estudos futuros investiguem como são os efeitos do racismo em homens e ainda que sejam apresentadas as intersecções entre sexualidade e gênero, entendendo as inúmeras possibilidades e atravessamentos decorrentes dessa construção.

Salienta-se ainda a urgência de pesquisas que apontem estratégias de intervenção voltadas para adolescência que indiquem a diversidade étnico-racial como fator protetivo ao desenvolvimento. Ações práticas no âmbito escolar têm sido apontadas na literatura como um contexto favorável para práticas antirracistas e de estímulo à diversidade. Sendo um espaço de formação, uma pedagogia centrada no letramento racial pode funcionar como elemento chave para que adolescentes negros possam assumir com orgulho a sua negritude, sentindo-se seguros e protegidos.

Conflitos de interesse

Os autores declaram que não há conflitos de interesse potencial com relação à pesquisa, autoria e/ou publicação deste artigo.

Referências

AMORIM, Cláudia Lanyelle Revorêdo de; ALÉSSIO, Renata Lira dos Santos; DANFÁ, Lassana. Mulheres negras e construção de sentidos de identidade na transição capilar. *Psicologia & Sociedade*, v. 33, p. e224920, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dRypKk7v87mgYDxSWHqYt5f/>. Acesso em: 10 dez. 2022

ARAUJO, Danielle Cabral; MOURA, Vanessa Alice de; DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. O resgate da memória histórica como estratégia de desconstrução do racismo. *Revista Pesquisas e Práticas Psicosociais*, v. 16, n. 2, p. 1-16, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/e3983. Acesso em: 10 dez. 2022

BATISTA, Luis Eduardo; BARROS, Sônia. Enfrentando o racismo nos serviços de saúde. *Cadernos de saúde pública*, v. 33, n. Suppl 1, p. e00090516, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/8QtV5qv9LSRPCWytv45yspS/>. Acesso em: 10 dez 2022

BATISTA, Matheus do Nascimento *et al.* O autoconceito cognitivo de estudantes pretos (as) e pardos (as). *Psicologia Argumento*, v. 37, n. 97, p. 299-311, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/25131/pdf>. Acesso em: 10 dez 2022

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022

BRONFENBRENNER, Urie; CECI, Stephen J. Nature-nuture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. **Psychological review**, v. 101, n. 4, p. 568, 1994. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1995-08473-001>. Acesso: 05 maio 2022

CHAVES, Elisângela. Negritude, identidade e dança. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 24, n. 4, p. 742-762, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/37724/29451>. Acesso: 10 dez 2022

DORIA, Andrea dos Santos; FRANÇA, Dalila Xavier de; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. Afirmação da identidade étnico-racial em crianças quilombolas e não quilombolas. **Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros**, v. 4, n. 8., p.62-83, 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/14603/8891>. Acesso: 10 jan 2023

GESSER, Roselita; COSTA, Cleber Lázaro Julião. Menina Mulher Negra: construção de identidade e o conflito diante de uma sociedade que não a representa. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 26, n. 1, p. 18-30, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932018000100003. Acesso: 10 dez 022

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

HUGULEY, James P. et al. Parental ethnic-racial socialization practices and the construction of children of color's ethnic-racial identity: A research synthesis and meta-analysis. **Psychological bulletin**, v. 145, n. 5, p. 437, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30896188/>. Acesso: 15 jun 2022

HUTZ, Claudio Simon. **Avaliação em psicologia positiva**. Artes Médicas Editora, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

MARTINS, Edna; DOS SANTOS, Alessandro de Oliveira; COLOSSO, Marina. Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs. **Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 3, p. 118-133, 2013. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872013000300009&script=sci_arttext. Acesso: 20 jan 2023

MATOS, Patrícia Modesto; FRANÇA, Dalila Xavier de. Socialização étnico-racial e racismo: dos saberes afro-brasileiros e africanos à construção da identidade étnico-racial. **Educar em Revista**, v. 37, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/y7zG7PbgcL5y9YfhNPjR8RM/abstract/?lang=pt>. Acesso: 10 dez 2022

MÁXIMO, Thaís Augusta Cunha de Oliveira et al. Processos de identidade social e exclusão racial na infância. **Psicologia em Revista**, v. 18, n. 3, p. 507-526, 2012. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682012000300011. Acesso: 10 dez 2022

MORAIS, Normanda Araújo de. **Trajetórias de vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social: entre o risco e a proteção**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS. (2009).

NOBLES, Wade. Sakhu Sheti: Retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrados. In: NASCIMENTO, Elisa (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009

NUNES, Simone Costa et al. Fatores de adoecimento emocional e racismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 16, n. Edição Especial, 2023.

OLIVEIRA, Aryanne Pereira de et al. Identidades em transição: Narrativas de mulheres negras sobre cabelos, técnicas de embranquecimento e racismo. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 2, p. 445-463, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000200007. Acesso: 10 dez 2022

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAPIENZA, Graziela; PEDROMÔNICO, Márcia Regina Marcondes. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. **Psicologia em estudo**, v. 10, p. 209-216, 2005.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 201. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkJZqcWrTT34cXLjtBx/?lang=pt&%3A~%3Atext=A>. Acesso: 02 fev